

Quando o Que Não Cessa de Se Escrever Cessa de Não Se Escrever ¹

When That, That Does Not Stop To Be written Stops of Not Being Written

Alain Didier-Weill ²

Resumo

Nessa conferência, o autor dá o seu testemunho do modo como se apresentou para ele uma das suas importantes contribuições à psicanálise contemporânea, o conceito de significante “siderante” e de como se deu a sua interlocução com Jacques Lacan a respeito da dimensão originária do simbólico e suas consequência para pensar o modo como o sujeito poderia reagir ao trauma a que é submetido em seu encontro com aquilo que “não cessa de se escrever”, o real. A partir dos desdobramentos de seu depoimento, argumenta que tal experiência traumática é estrutural. Ou seja, que ela nos mostra que “o que não cessa de não se escrever”, para além de qualquer cultura, é da ordem da experiência universal. Indaga, no entanto, o que seria necessário para que o sujeito saísse desse trauma, sendo tal pergunta fundamental para o desenlace de qualquer tratamento psicanalítico. Conclui que para que isso ocorra se faz necessário a ocorrência da de-sideração, que consistiria em encontrar o significante S1 através do qual “Isso cessa de não se escrever”.

Palavras-chave: Trauma; significante; real; silêncio; fala.

Abstract

At this conference, the author gives his testimony of how he introduced himself to one of its important contributions to contemporary psychoanalysis, the concept of significant “siderante” and how was his interlection with Jacques Lacan about the original dimension of the symbolic and its consequence to think how the subject would react to the trauma he are subjected in their encounter with what “does not cease to write,” the real. From the unfolding of his testimony, the author argues that this traumatic experience is structural. That is, this experience shows us that “what never ceases to not write” beyond any culture, is of the order of universal experience. He questions, however, what would be required to leave the subject of trauma, such a fundamental question to the outcome of any psychoanalytic treatment. He concludes that for this it is necessary the occurrence of de-sideration, which consists in finding the significant S1 whereby “That does not cease to write.”

Keywords: Trauma; significant; real; silence; speech.

Recebido em 11 de outubro de 2012
Aprovado em 14 de novembro de 2012
Publicado em 28 de dezembro de 2012

Eu vou colocar uma questão para vocês, que há muito tempo se apresentou a mim, e que um dia eu coloquei para Lacan do seguinte modo - essa questão tem duas faces. Eu vou tentar reviver um pouco a maneira como eu a apresentei a Lacan naquele momento.

A primeira parte da questão diz respeito ao modo como Lacan abordava o simbólico mais originário. Eu lhe dizia o seguinte: quando você colocou a questão do significante mais originário, você começou a se deixar ensinar pela questão do Ser. Depois, por uma razão que eu gostaria muito de compreender, você abandonou a questão colocada pelo Ser grego, para então tocar na questão da alteridade que você recebe da Bíblia.

O que eu gostaria de compreender, meu senhor, é esse apelo tal como ele se coloca na Bíblia e o que isso tem de diferente do apelo tal como nos traz Heidegger sobre o Ser. A busca que é comum a ambas as vias é aquela que você considera como sendo a sua descoberta, o Real. Em relação a isso, eu vou citá-lo, eu vou citar Lacan a respeito de sua consideração sobre o real, ou melhor, em relação a sua concepção original do real; este real não é dado em si, mas já é o resultado de uma operação simbólica, nomeada por Freud de *Bejahung* (afirmação primordial).

A *bejahung*, esse sim mais originário, é a condição primordial para que do real alguma coisa venha a se oferecer à revelação do ser, ou para empregar a linguagem de Heidegger 'deixe Ser'. Qual é a relação entre esses dois tipos de sim? O sim que os pré-socráticos deram à *fisis*, contemplando-a, e o sim que é dado pelo Homem da Bíblia, que diz "sim, eu estou aqui" para a voz que o chama dizendo: onde está você?" Sem dúvida, existe uma relação entre esses dois sim. E a relação tem a ver com o fato de que o enunciador advém à existência ou se torna existente para Heidegger. (Lacan, 1998)

A questão é o "torna-te bíblico" ou o "venha a ser pré-socrático". A primeira diferença entre esses dois sim é que o primeiro é efeito da contemplação de um olhar sobre a natureza, ao passo que o segundo é efeito de uma audição. Então surge a seguinte questão: é a mesma existência que surge do fato de se responder sim ao logos, ao logos silencioso da natureza, ou o de dizer sim para a fala - para o verbo bíblico.

Já podemos suspeitar que dizer sim para o logos, ou seja, dizer sim para ele impessoal, o a-significante, terá consequências diversas daquelas que vão ter a ver com dizer sim para um tu na pergunta: onde estás tu? O fato de que Heidegger mostre a possibilidade de exaltar o Ser grego, sendo ao mesmo tempo indiferente à ética, é uma questão que me interroga enquanto psicanalista. Quando uma experiência à qual está fadado o ser humano é o trauma, como será que esse sujeito vai sair de uma experiência desse tipo, na qual lhe é mostrada, revelada, a dimensão do real: Isso não cessa de não se escrever.

A questão que eu coloco - como sair do trauma - não foi abordada por Freud, para quem a questão colocada era como entrar no trauma. Para sair do trauma, para que isso cesse de não se escrever, o que é preciso acontecer? Vamos tomar aqui um exemplo que nos é comum a todos nós, o exemplo do primeiro sonho que é analisado por Freud, um sonho traumático, o sonho de Irma.

Eu não vou reler o sonho, suponho que ele seja conhecido. Refiro-me à parte do sonho na qual Freud vive uma experiência traumática: ele confrontado com a profundidade da carne feminina fica como que "medusado" (de Medusa), reduzido ao silêncio, como se o reencontro do 'Isso não cessa de não se escrever' se mostrasse pela interioridade do corpo feminino e o deixasse radicalmente silencioso, privado da fala, durante muito tempo. O que é mostrado (a palavra *montré*, mostrar, tem a ver com

“monstração” da qual vem a palavra monstro) é a dimensão monstruosa, daquilo que advém pela “monstração” que fundamentalmente é um silêncio, mas é um silêncio diferente dos outros silêncios habituais. É um silêncio que não remete a uma outra palavra. Na Bíblia se fala dos silêncios, do silêncio de Deus. É um silêncio que não remete à noite, mas às trevas. Nesse silêncio, nenhuma voz vem pedindo socorro. É surpreendente constatar que a pequena criança traumatizada não pode gritar socorro; fica então congelada e “medusada”, (de Medusa) torna-se habitada por um olhar menos antes. Eu lembro que o mito grego nos ensina que o ser “medusado” se transforma em estado de pedra.

A questão é a seguinte: como sair desse silêncio, como perder esse olhar “medusado” que eu mesmo posso ter sobre o real? Pois se eu olho o real do meu analisando como “medusado”, é muito ruim para este. Se o analista ficar traumatizado - e isto pode ocorrer - que é que o analisando poderá fazer com o silêncio do analista? Eu estou me aproximando da questão que eu pus para o meu querido mestre Lacan - na rua Lille, número cinco. Por exemplo, será que uma cultura como a grega ou a judaica dispõe de um significante específico para fazer face ao furo do trauma; será que uma cultura me permite dar um olhar corajoso para ser capaz de olhar o real sem morrer nele, que dizer sem morrer nele psiquicamente. Eu acredito que Lacan teve uma intuição muito poderosa para interpretar a [Shoá](#) - sacrifício de corpos (o holocausto) - é, uma interpretação nem filosófica, nem política, uma interpretação que consiste em dizer que o ser humano pode ser capaz de ficar fascinado pelo sacrifício ao Deus obscuro. É nesse momento em que ele emprega essa expressão: qual é o corajoso olhar que foi preciso para aqueles que, durante a guerra, puderam olhar face a face o deus obscuro sem morrer a partir dele. Eu me aproximo mais da questão: a experiência traumática é estrutural. Ela mostra que

o que não cessa de não se escrever, para além de qualquer cultura, que ela é da ordem da experiência universal.

O ser humano pelo próprio fato de ser sexuado está fadado a conhecer pelo trauma - e a diferença dos sexos é impen-sável e fundadora do isso não cessa de não se escrever. Será que não poderíamos considerar que o inconsciente humano não é nem judeu nem grego. Quando eu disse isso a Lacan, ele sabia que eu não gostava nem um pouco de São Paulo, e que doravante desde a chegada de Jesus não havia mais nem judeus e nem gregos.

Eu propus a seguinte hipótese de trabalho:

Não poderíamos considerar que talvez o real não é nem judeu nem grego, para responder a isso há uma resposta da ordem do universal, sem nenhuma relação com qualquer cultura em particular. Se há uma resposta universal para o trauma é através da colocação em jogo de um significante que eu proponho chamar de siderante; um significante ultrapassa qualquer cultura, que é um fato de estrutura, que vem até nós no próprio momento mesmo em que o verbo que nos torna humanos. Essa hipótese desse significante siderante como respondendo ao trauma ocorreu no momento de uma relação muito forte com Lacan, quase traumática. E aí Lacan bateu na minha casa para que definisse o que era esse significante siderante. Eu vou tentar definir o que é esse significante siderante: é aquilo através do que Isso pode cessar de não se escrever. A cada vez eu que eu tento pensar nesse significante, e ele me sidera a cada vez, o meu pensamento se embarralha. Sobre esse significante convergem as questões que eu comecei a evocar, quer dizer o significante transmissor do ser, e o significante transmissor da alteridade. Portanto, duas coisas totalmente opostas. Eu acredito que a finalidade do cristianismo foi a de fazer a síntese dessas duas culturas. E eu acredito que a psicanálise permite dizer que essa síntese não pode ser feita, isso é

um fracasso. Entre o ser filosófico e o outro da Bíblia não há uma síntese possível a não ser aquilo que nós chamamos de dogmas. Eu chamo a atenção para a origem da palavra sideração: *faire sidus* Freud chama a atenção para que quando alguém faz um chiste não se ri instantaneamente, observa-se existir um tempo de latência que se interpõe entre o receptor da palavra e o emissor do riso. Esse tempo de latência é o tempo da sideração. (Havia muitas traduções possíveis em francês para essa palavra. Foi Marie Bonaparte que teve a ideia justamente dessa palavra - porque sair da sideração (de-siderar) quer dizer em francês, etimologicamente, *désir*, desejo.) Então eu volto para a observação de Freud, ele descobre que antes da alegria do riso existe um tempo preliminar de suspensão que ele chama sideração e, este tempo de latência, é preciso que a gente se surpreenda com a sua existência.

Eu vou dar exemplos onde não ocorre esse tempo de latência: quando alguém escuta uma música, tão logo vocês a escutam como receptores, tão logo vocês traduzem o que ouvem num passo de dança que é executado. Portanto, quando se ouve uma música não há um tempo de latência, como se na música não houvesse um tempo necessário para traduzir. E ao que corresponde o estado de estupor emético da sideração? Por que a introdução desse significante seria o que permitiria fazer face ao trauma? Muitos dentre nós, mesmo sem que o saibamos, permanecemos fascinados pelo antigo trauma.

Eu diria que esse estado de fascínio permanece, na medida em que não tiver havido uma experiência de sideração. Eu diria que a experiência da sideração é aquilo através do que é substituída a experiência do olho mal - a experiência do mal visto - que, no olhar do outro, eu tenho a impressão que eu sou um monstro, um imbecil, um idiota. Na medida em que persiste essa experiência de sideração, significa que o mal visto não foi substituído pelo escuta-

do porque a mais originária sideração é o efeito, sobre o sujeito, da ressonância mais originária do escutado. Portanto, podemos pensar que a sideração vai substituir o mal visto pelo mal escutado. Por exemplo, a diferença que existe para o bebê de ver o que chamamos de privação materna, é muito diferente ver a mãe na experiência traumática enquanto privada mais do que na voz materna o tom do sofrimento da privação. Ouvir implicar transformar o furo real num significante do furo real. Transformar um furo simbólico no real em furo real no simbólico. Isso Significaria que na sideração nós seríamos capazes de ascender a um furo real no simbólico que nós criamos no tempo primordial do recalçamento originário. É quando Lacan escreve *fiat lux* - escrevendo *fiat furo*. É uma maneira de dizer que não é uma criação divina, mas leiga. Talvez seja a mais alta criação da qual seja capaz um ser humano, criar esse furo, que Lacan passava a vida tentando mostrar através do nó borromeano. A estratégia do recalçamento é introduzir em si o vazio que faz com que eu me torne estranho a mim mesmo, ausente para mim mesmo, de forma tal que eu escapo ao outro; o outro não tem mais condições de me pegar; caso eu tenha me tornado esse significante S2, o significante, da *verdrangung*, do recalçamento, que não pode permanecer nesse lugar do S2 a não ser ficando siderado. A de-sideração é encontrar o significante S1 através do qual Isso cessa de não se escrever. Então, nós podemos dizer que no sonho de Irma quando se escreve trimetilamina significa que Freud conseguiu sair da fascinação, ele substitui o olhar pela relação com uma palavra que poder ser ouvida e lida, que cessa de não se escrever trimetilamina. E um paradoxo extraordinário é que graças a esse sonho de Freud nós estamos aqui hoje. Pois no momento em que Freud fez esse sonho está completamente sozinho e era considerando como um louco integral. Esse sonho demonstra que sem ser louco, criou a palavra trimetilamina que é uma

palavra de um esquizofrênico, que não quer dizer nada. Essa palavra, ela tem um sentido fundamental que é o de se dirigir às pessoas que ainda não estão lá: os psicanalistas. Podemos dizer que na força dessa dimensão quando Freud diz: eu me dirijo a pessoas que ainda não estão aí, nós respondemos finalmente estando aí. Quando Isso cessa de não se escrever trimetilamina ocorre que isso pode evoluir, no sentido de que Isso cessa de não se escrever. Quando Isso não cessa de se escrever, eu diria que o retorno do superego. É por exemplo na revolução francesa, o momento subsequente ao entusiasmo da descoberta dos direitos do homem, porque o direito natural, a sua definição mesma é que ele não cessa de não se escrever a dois mil anos. Em 1879 isso cessou de não se escrever, por exemplo, com as três palavras célebres que se escrevem liberdade, igualdade, fraternidade. Liberdade que vem da herança bíblica; igualdade que vem da herança grega e fraternidade que vem da herança cristã. Tudo isso é para dizer que no momento em que Isso não cessa de não se escrever é uma alegria extraordinária nas ruas, pois os descamisados cantam, mesmo um certo número de privilegiados aristocratas ficam maravilhados em perceber que é possível pertencer a uma família universal, maravilhados de descobrir que eles não sabiam que existia uma família humana mais ampla que a jurídica. Aliás, eu digo, *en passant*, que exatamente no meio aristocrático foram recrutados os revolucionários russos.

Eu chego a 1793, a instalação do terror. Como definir o terror: o terror a um governo que governa por decreto. Que dizer que de manhã à noite ele não cessa de se escrever. A partir do momento em que aquilo que cessa de não se escrever no presente, no entusiasmo, se transforma em decreto obrigatório em que isso não cessa de não se escrever é o reinado do superego, da perseguição. Isso é muito profundo, a análise nos ensina isso: a oposição entre um direito e um dever; nós sabemos que há um saber

inconsciente sobre a lei e o desejo, mas nós conhecemos também o direito, o direito de Antígona, por exemplo. O autorizar-se por si mesmo a tomar tal direito; não existe um saber inconsciente sobre um direito, e é por isso que isso pode fazer com que a ideia de ser ter direito de fazer alguma coisa. Como não existe um saber inconsciente sobre o direito de fazer isso, alguma coisa, aquele que tem privilégios, que tem direito a ter privilégio, muito frequentemente ele é arrogante e depreciador. Nós poderíamos nos perguntar por que? A resposta é que no fundo dele mesmo ele não acredita na existência do direito e dos privilégios. Isso o torna arrogante por que, justamente, ele não acredita nisso. Isso tudo diz respeito à psicanálise por que tem a ver com autorizar-se a si mesmo de ser aquilo que se é. Quando eu falei com Lacan sobre a sideração no meio psicanalítico foi à época em que os universitários ensinavam em *Vincennes* e foi nessa época em que nós vimos aparecer um vínculo entre o discurso universitário e o discurso do mestre. Eu propus a Lacan compreender que o que especificava o discurso do mestre é o fato dele ser um discurso que não pode ser siderado. A sideração não pode de forma alguma interromper a operação que está acontecendo no discurso do mestre. Em relação a isso, eu fiz uma descoberta que me pareceu apaixonante sobre a origem do fascismo alemão. Havia na língua do século XIX, as pessoas diziam correntemente na escola durante o século XIX que era preciso acrescentar um décimo primeiro mandamento aos dez mandamentos e esse décimo primeiro mandamento é o seguinte: Não te deixes siderar. Isso quer dizer de outra forma que de maneira alguma abandone aquilo que você já sabe. É como se fosse um sacrilégio de fazer um vazio dentro de si, encontrar uma página em branco, de encontrar em si aquilo que podemos dizer que é o mistério do ser humano. Por que a sideração é a experiência de que não sabemos absolutamente nada. Freud dizia que na sideração ele encontrava o ininteligível, o incompreensível e o enigmático. Vejam que

isso dá outro sentido, ainda mais complexo, ao “Isso não cessa de não se escrever” porque se o real traumático merece de ser dito — como sendo o que não cessa de não se escrever, há um outro real, que é o real do sublime, que é, também, é “o que não cessa de não se escrever”. É o mistério do incógnito, nenhuma palavra do saber pode dizer o que é o incógnito no ser humano. Nenhuma palavra pode dizer o que é o invisível, o que é o inédito. É aí que intervêm, sozinho, o pintor com suas cores, os artistas vão fazer ouvir o inédito com algumas notas de música, o invisível com algumas cores, ou o imponderável quando um dançarino mostra, com os seus saltos, que ele perdeu o seu peso, que ele se tornou como um pássaro. Eu queria assinalar que no fim da análise, quando os recalques secundários caíram, é uma grande descoberta a de reencontrar no humano um mistério, o mistério daquilo que não cessa de não se escrever. Vou concluir agora nesse ponto: quando isso cessa de não cessa de se escrever. Às vezes, então, quando isso cessa de se escrever - é também um dos tempos na psicanálise -, cessa de ser

determinado pelo escrito, portanto, é uma concessão, uma travessia do determinismo, e um reencontro com certa liberdade, aquela que encontramos no herético. Essa é uma das razões pelas quais Lacan comparou o analisando ao herético. O herético é aquele que faz valer o fato de que nele existe, insiste, persiste um real que não cessa de não se escrever. Primeiro tempo: eu saio do trauma, eu existo. O retorno da censura se opõe a isso pelo olhar fascinante. Franqueia-se a censura: isso cessa de se escrever e eu insisto. E, ainda, tem um retorno possível do superego. Por essa razão, os doutores da Igreja falavam que perseverar é *diabolicum*. Isso tem uma relação com o terceiro tempo lógico de Lacan, o perseverar *diabolicum* é esse diabólico que para os inquisidores era a fala.

REFERÊNCIAS

Lacan, J. (1962). *Escritos*. Paris: Editions du Sueil.

¹ Conferência de abertura do 3º. Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, promovido em parceria com o Mestrado em Psicologia e o Laboratório de Psicanálise, ambos da UFC. A referida conferência foi, na ocasião, traduzida por Marco Antonio Coutinho Jorge e transcrita e revista, especialmente para esse periódico, por Carlos Augusto Viana.

² Psicanalista. Diretor de l'association “Insistance – Art, Psychanalyse, Politique”. Endereço: 7, Rue de La Esperance. 75013. Paris. e-mail: insistance@free.fr

³ O neologismo siderante, que é empregado em toda essa conferência por Alain-Didier Weill, equivale ao sentido, em português, da palavra fascinante, no sentido do que subjuga com o olhar; do que seduz; do que deslumbra ou do que encanta e/ou atrai irresistivelmente.

⁴ Neologismo usado no sentido de tornar-se petrificado, paralisado, silente.

⁵ Nesse momento o autor encerra a sua exposição agradecendo ao seu amigo Marco Antonio Coutinho Jorge por seu empenho em bem traduzir seu pronunciamento.